



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PSICOPEDAGOGIA
ESCOLAR – GEPPE**

IV CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR

**“O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces:
compreendendo e atuando com as dificuldades de
aprendizagem”**



ANAIS DO EVENTO

ISSN: 2179-7978

09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015

Os conteúdos dos textos são de responsabilidade de seus autores

A DISLEXIA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO SOB O OLHAR PSICOPEDAGÓGICO (2015)

ALEMAR, Isa M.

Universidade Federal de Uberlândia

Email: isa_alemar@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho se apresenta como um projeto de pesquisa em andamento que pretende abordar estudos acerca da dislexia, um dos mais recorrentes distúrbios de aprendizagem. Apesar da grande incidência, muitas escolas e professores não estão preparados para lidar com essa dificuldade lingüística. Saber como trabalhar com um aluno disléxico e como incluí-lo no sistema educacional é essencial, pois a dislexia passou a estar entre os fatores que promovem o abandono escolar e geram a exclusão social em consequência da falta de atenção adequada e o desconhecimento de como trabalhar essas dificuldades. Tendo em vista esta realidade alarmante, esse trabalho parte de alguns questionamentos: Como a criança disléxica aprende a ler e a escrever? Quais metodologias que, aplicadas em sala de aula, contribuem para a efetiva aprendizagem do aluno disléxico? Partindo dessas questões, a pesquisa busca compreender, através de um estudo de caso, como e por que esse distúrbio interfere e/ou dificulta o aprendizado da criança; observar, identificar e utilizar, no viés psicopedagógico, as metodologias mais eficazes para desenvolver o aprendizado da leitura e escrita na criança disléxica.

Palavras-chave: Dislexia; Aprendizagem; Metodologia.

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a necessidade de incluir alunos especiais na rede regular de ensino, fundamentada na Lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei n. 9.394/96 – LDB) art. 4º, inciso III, que garante “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”, esta proposta de pesquisa de mestrado pretende abordar estudos acerca da dislexia, um dos mais recorrentes distúrbios de aprendizagem.

O interesse por esse estudo surgiu em virtude de dois fatores: primeiro pela experiência pessoal diante da vivência em sala de aula com uma criança disléxica, e, segundo, a partir da observação de que a dislexia vem gerando muita inquietação no meio científico e educacional, sendo objeto de estudo e investigação de vários pesquisadores nos últimos anos dada a sua proeminência na atualidade.

1.1 Justificativa

Antigamente pouco se pensava sobre a dislexia, pois faltava conscientização por parte dos educadores e profissionais sobre os distúrbios de aprendizagem. Era muito comum o uso das expressões os “atrasados”, os “deficientes” ou os “que não davam para o estudo” (LANHEZ e NICO, 2002, p. 08). Dessa forma, a dislexia passou a estar entre os fatores que promovem o abandono escolar e geram a exclusão social.

O tema em questão se justifica pela complexidade e sua recorrência nas salas de aula. Ainda, segundo as referidas autoras, as pesquisas revelam que a incidência de dislexia é de 10% a 15% na população mundial, ou seja, em uma sala de aula com 25 alunos, cerca de três ou quatro crianças são disléxicas, a maioria meninos. Apesar da grande incidência, muitas escolas e professores não estão preparados para lidar com esse distúrbio de aprendizagem.

Saber como trabalhar com um aluno disléxico e como incluí-lo no sistema educacional é essencial, pois “a falta de atenção adequada e o desconhecimento levam muitas das pessoas, consideradas desiguais, a se afastarem ou serem afastadas do ambiente escolar, acabando por se sujeitarem a ocupar posições menores na escala social” (LANHEZ e NICO, 2002, p. 09).

De acordo com Okano et al (2004), a dificuldade escolar pode gerar um "círculo vicioso do fracasso", ou seja, quanto mais a criança se sente inferiorizada, mais ela estará suscetível ao insucesso e menos poderá obter aprovação a partir de seu desempenho.

Dessa emergencial necessidade de encontrar solução para os problemas de aprendizagem que acontecem no meio educacional, nasceu a Psicopedagogia. Segundo Scoz (1994), essa área estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes, recorrendo aos conhecimentos de várias ciências, sem perder de vista o fato educativo.

Partindo dessa abordagem psicopedagógica, surgiram os seguintes questionamentos: Como a criança disléxica aprende a ler e a escrever? Quais metodologias que, aplicadas em sala de aula, contribuem para a efetiva aprendizagem do aluno disléxico?

Diante disso, este trabalho tem, enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de analisar os diversos estudos já feitos por pesquisadores, e, aliada à experiência prática, sistematizar estratégias que possam ser usadas pelo professor a fim de que a criança disléxica aprenda a ler e escrever satisfatoriamente.

Acredita-se que este estudo possa despertar nos profissionais da área o interesse pela inclusão escolar das crianças que apresentem um distúrbio de aprendizagem, uma vez que demonstrará o aprender e o ensinar na dislexia dentro da esfera do possível.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desse trabalho de pesquisa é discorrer sobre como se dá o aprendizado da leitura e da escrita em uma criança disléxica de uma escola do município de Uberlândia e quais conhecimentos e metodologias psicopedagógicas são eficazes para que essa aprendizagem ocorra.

Dentro dos objetivos específicos, temos: compreender como e por que esse distúrbio interfere e/ou dificulta o aprendizado da criança; observar, identificar e analisar as práticas desenvolvidas pelos professores desse aluno para a exposição das matérias em sala de aula; intervir com a aplicação de metodologias no viés psicopedagógico; avaliar e considerar as metodologias mais eficazes para desenvolver o aprendizado da leitura e escrita na criança disléxica e estudar a viabilidade da implantação dessas metodologias no sistema público de ensino brasileiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde o século passado a aprendizagem vem sendo pesquisada e analisada cientificamente, entretanto foi a partir da década de 50 que esse assunto tomou mais abrangência e relevância no meio acadêmico. Junto com os progressos das pesquisas e com os resultados obtidos, vários conceitos foram formulados como uma tentativa de explicar a aprendizagem e como se dá o seu processo.

Não é possível uma formulação conceitual única para um processo tão complexo como a aprendizagem e também não é essa a finalidade no momento. Nessa etapa de fundamentação teórica não se aprofundará na definição de aprendizagem, mas pautar-se-á em alguns dos diversos conceitos sobre esse processo que são relevantes para o estudo em questão.

Neste ínterim, Coll (1993) fala da aprendizagem significativa que equivale, primordialmente, a pôr em evidência o processo de construção de significados como elemento central do processo ensino-aprendizagem. O aluno aprende um conteúdo qualquer quando é capaz de atribuir-lhe um significado. Portanto, a utilização do pensamento significativo deverá ser explorada no processo ensino-aprendizagem muito próximo da vinculação conteúdo com a vida prática ou cotidiana, principalmente no caso da aprendizagem infantil.

Apoiando as idéias de Coll, a teoria de Vygotsky nos diz que:

Aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, a idéia do aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. (OLIVEIRA, 1995, p. 57)

Para Oliveira (1995), na proposição de Vigotsky, todo o aprendizado da criança passa por uma relação dialética por parte de quem ensina e de quem aprende, na qual deve ser observado sempre o tipo de ferramenta pedagógica contextualizada que poderá ser utilizada pelo professor, para que o aluno consiga reelaborar o que se sabe, despertar o desejo de ir ao encontro do novo e através desta mudança conseguir gerar um aprendizado eficiente, que o aluno irá utilizar nas suas relações sociais.

A psicopedagoga Alicia Fernandez (2001) ressalta que se faz necessário sempre incorporar novos saberes sobre a inteligência, o corpo, o desejo e o organismo pelo fato de que estes são os principais níveis imbricados no ato humano de aprender: cada sujeito, em seus processos de aprendizagem, tem sua própria maneira de aprender; cada um possui suas próprias condições, seus limites e meios para construir saberes.

Paín (1992) afirma que existem quatro fatores que devem atuar de maneira harmoniosa para que aconteça a efetiva aprendizagem: os orgânicos, os específicos, os psicógenos e os ambientais. No que tange aos fatores orgânicos, “a origem de toda aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo” (PAÍN, 1992, p.29). Nesse sentido, faz-se necessário uma interação entre anatomia, bom funcionamento de todos os órgãos, bem como do sistema nervoso central.

Com base nos conceitos acima citados, pode-se inferir que aprendizagem é um processo que parte do que o aluno já tem para a produção do novo. É uma mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, sendo o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.

Piaget aponta que

Não somente uma aprendizagem não parte jamais do zero, quer dizer que a formação de um novo hábito consiste sempre numa diferenciação a partir de esquemas anteriores; mas ainda, se essa diferenciação é função de todo o passado desses esquemas, isso significa que o conhecimento adquirido por aprendizagem não é jamais nem puro registro, nem cópia, mas o resultado de uma organização na qual intervém em graus diversos o sistema total dos esquemas de que o sujeito dispõe (PIAGET, 1974, p. 69).

Voltando à contribuição de Paín (1992), para que ocorra a aprendizagem é preciso que alguns fatores estejam trabalhando em conjunto de forma harmoniosa. No aprendiz, a aprendizagem envolve inevitavelmente o cérebro, em que, para aprender, suas funções precisam estar em perfeita interação.

Conforme aponta Fonseca (2009), a não ocorrência desta arquitetura cognitiva sistêmica, que obviamente preside a aprendizagem, pode ocasionar uma dificuldade de aprendizagem para aquele que aprende. Sendo assim, o problema de aprendizagem põe em evidência a necessária inter-relação dos níveis orgânico, corporal e intelectual, a partir de sua articulação sintomática.

Nesse raciocínio, a dislexia se insere nesse contexto como distúrbio de aprendizagem, uma vez que as pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar de uma parte do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados com leitura, sendo assim um problema de origem cognitiva.

Segundo Rotta e Pedroso (2006), desde 1990, vários estudiosos tentam descobrir os aspectos genéticos envolvidos na dislexia. Utilizando exames complementares, evidenciaram a possibilidade de má-formações ou alterações funcionais cerebrais em crianças disléxicas.

Shaywitz (2006), juntamente com o seu grupo de pesquisa, realizaram estudos a partir de imagens do cérebro com a finalidade de mapear os circuitos neurais necessários à leitura. Descobriram, primeiramente, que os homens ativam o giro frontal inferior esquerdo e que as mulheres ativam tanto o esquerdo quanto o direito, sendo que ambos os sexos realizaram as tarefas com a mesma precisão e rapidez. Assim, identificaram pontos específicos para a verbalização de palavras: o giro frontal inferior está envolvido na leitura e não só na fala, como se pensavam alguns estudiosos da área.

Os leitores disléxicos usam sistemas compensatórios para ler. O leitor normal ativa sistemas neurais que estão em sua maioria na parte posterior esquerda do cérebro; o leitor disléxico, ativa sistemas do lado direito e na parte frontal esquerda do cérebro (SHAYWITZ, 2006, p. 75).

Baseando-se nos resultados dos estudos de Shaywitz, Menezes (2007) completa que:

Mapeando os caminhos neurais nos bons leitores foi possível entender a natureza da dificuldade dos leitores disléxicos. O exame dos padrões de ativação cerebral revelou uma falha nesse circuito para os leitores disléxicos, concluindo, assim, que os disléxicos usam caminhos cerebrais diferentes. A falha está na subativação de caminhos neurais na parte posterior do cérebro. Os disléxicos têm problemas iniciais ao analisar as palavras e ao transformar as letras em sons e mesmo quando amadurecem, continuam a ler lentamente e sem fluência. (MENEZES, 2007, p. 24)

Para Fonseca (1999) “A dislexia é uma dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu mecanismo, em crianças inteligentes, escolarizadas, sem quaisquer perturbação sensorial e psíquica já existente”.

Corroborando com a linha de pensamento de Fonseca, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (2011) ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico.

Nesse sentido, a dislexia não é consequência de uma deficiência ou atraso intelectual, mas sim um distúrbio específico na capacidade de aprendizagem da linguagem, em crianças que tem inteligência normal e condições adequadas ao seu meio social, cultural e econômico; que não apresentam doenças neurológicas ou psiquiátricas; e não tem alterações significativas auditivas e visuais, contudo revelam dificuldades exatamente na área lingüística.

De acordo com Shaywitz (2006):

A dislexia é um problema complexo que tem suas raízes nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao homem entender e expressar-se pela linguagem. Pela descoberta de como uma ruptura nestes circuitos neurológicos fundamentais para a codificação da linguagem dá surgimento

a esse problema na leitura, pudemos compreender como os tentáculos dessa desordem partem do fundo do cérebro e se estendem não apenas ao modo como uma pessoa lê, mas surpreendentemente, a uma gama de outras funções importantes, incluindo a capacidade de soletrar, de memorizar palavras e articulá-las e de lembrar certos fatos (SHAYWITZ, 2006, p.20).

Muitas crianças, no início da alfabetização, apresentam os mais variados erros e dificuldades com relação ao aprendizado da leitura e da escrita: trocam letras, escrevem espelhado, não conseguem aglutinar palavras, memorizar e nem mesmo identificar as letras. Um professor alfabetizador sabe que isso é esperado e tende a desaparecer à medida que as crianças forem assimilando os conceitos necessários a essas habilidades.

Porém, no caso de um aluno disléxico, os erros persistem e a criança permanece com dificuldade para decodificar os símbolos escritos e reconhecer imediatamente as palavras. Em sala de aula, o professor se vê de mãos atadas diante de uma situação tão complexa como essa, que exige do alfabetizador noções e conhecimentos metodológicos diferenciados para que o aluno possa vir a aprender.

De acordo com Okano (2004) lidar com o insucesso escolar, com o baixo rendimento e com as múltiplas implicações para a criança e comunidade em geral, constitui-se em tarefa difícil e desafiadora para a qual não se tem ainda uma resposta pronta, o que assinala para a necessidade de buscar alternativas que possam minimizar tal condição.

Com isso, da necessidade de contribuir com novas estratégias de intervir e de encontrar solução para os problemas de aprendizagem que acontecem no meio educacional, a psicopedagogia, articulação entre pedagogia e psicologia, insere-se nesse contexto procurando trabalhar as possíveis causas dos problemas e o resgate dos elementos essenciais à aprendizagem, visando à precisão de atender as crianças com distúrbio de aprendizagem, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional.

Visca (1987) compreendeu a Psicopedagogia como uma possibilidade de termos uma visão mais ampla dos complexos processos que levam o indivíduo à efetiva aprendizagem, podendo dispor de estratégias capazes de intervir na relação que o sujeito aprendiz estabelece com outros sujeitos e com o meio, para encontrar significado ao seu processo de aprender.

Em seus estudos, Weiss (2001) ressalta que a psicopedagogia “é um caminho fundamental à ampliação das possibilidades de busca de qualidade nos processos relacionais, presentes na aprendizagem humana, enquanto sujeitos humanos, de melhor construirmos nossas próprias aprendizagens”.

Vale salientar que este estudo baseia-se nessas possibilidades de intervenção psicopedagógicas, aplicando os conhecimentos e metodologias didáticas disponíveis, com a finalidade de promover o desenvolvimento da aprendizagem da criança com dislexia.

Para Fernandez (2008), “enquanto psicopedagogos, buscaremos as idéias inconscientes sobre o aprender, relacionando-as com a operação particular que constitui o distúrbio de aprendizagem”.

3. METODOLOGIA

A metodologia a ser adotada neste trabalho fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa exploratória, bibliográfica e de estudo de caso.

Para Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. (GIL, 2002, p.41).

Essa pesquisa se dará em três momentos distintos: o primeiro, cuja realização se concretizará ao longo de todo o estudo, incide em uma pesquisa bibliográfica, que consiste em um aprofundamento teórico, através de estudos de material já elaborado e disponível, formado principalmente por livros e artigos científicos específicos. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p.45).

O segundo momento se dará através de um estudo de caso. Estudo de caso é: “uma investigação que se assume como particularística, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica (...) procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse” (PONTE, 2006, p.2). Dessa forma, pretende-se observar, identificar e descrever as práticas e metodologias adotadas pelo(a) professor(a) do aluno disléxico, intervir com métodos distintos e avaliar a eficácia desses métodos para o aprendizado da criança.

O terceiro e último momento é a elaboração da dissertação do mestrado.

4. CONCLUSÃO

O trabalho com as dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar não se constitui um tarefa fácil e a alternativa, na maioria das vezes, envolve a inclusão das crianças em programas de reforço, que, a princípio, se apresentam como uma proposta que visa contribuir para o aprendizado. Contudo, carecem de estudos minuciosos que demonstrem a sua eficácia no que diz respeito aos aspectos psicológicos de crianças com dificuldade de aprendizagem.

Acreditando no aprendizado da leitura e da escrita de uma criança disléxica, fundado em um movimento dialético entre o aluno e o professor, faz-se necessário uma intervenção o quanto antes pois:

[...] a intervenção precoce por meio de um programa eficaz de leitura leva ao desenvolvimento de sistemas automáticos de leitura, permitindo que a criança ande no mesmo ritmo dos colegas. [...] Depois de mais de um século de frustrações, demonstrou-se que as crianças com problemas de leitura podem tornar-se leitores eficientes (SHAYWITZ, 2006, p. 77).

É desafio, neste momento, compreender o aprender de uma criança disléxica e criar condições para que ela aprenda, intervindo com metodologias diferenciadas de forma que alcancem esse aprendizado, possibilitando a ampliação e incorporação de estratégias psicopedagógicas nas unidades escolares e, conseqüentemente, enriquecendo os procedimentos metodológicos utilizados em sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20/12/96: LDB. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

COLL, César. **Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1996.

FERNANDÉZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A inteligência Aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, Neuropsicologia e Aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. - **Incussão escolar: Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem** - Âncora Editores, Lisboa 1999

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LANHEZ, Maria Eugênci; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 11 ed.. Rio de Janeiro: Elseiver, 2002.

MENEZES, Rosilaine de Paula. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica**. 172f. (Dissertação). Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

OKANO, C. B. et al. **Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito**. São Paulo: PRC, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl de, **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: um processo Sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. Tradução Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PONTE, João Pedro. **Estudo de caso em educação matemática**. Bolema, 2006.

ROTTA, Newra; PEDROSO, Fleming. **Transtornos da linguagem escrita – dislexia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.